

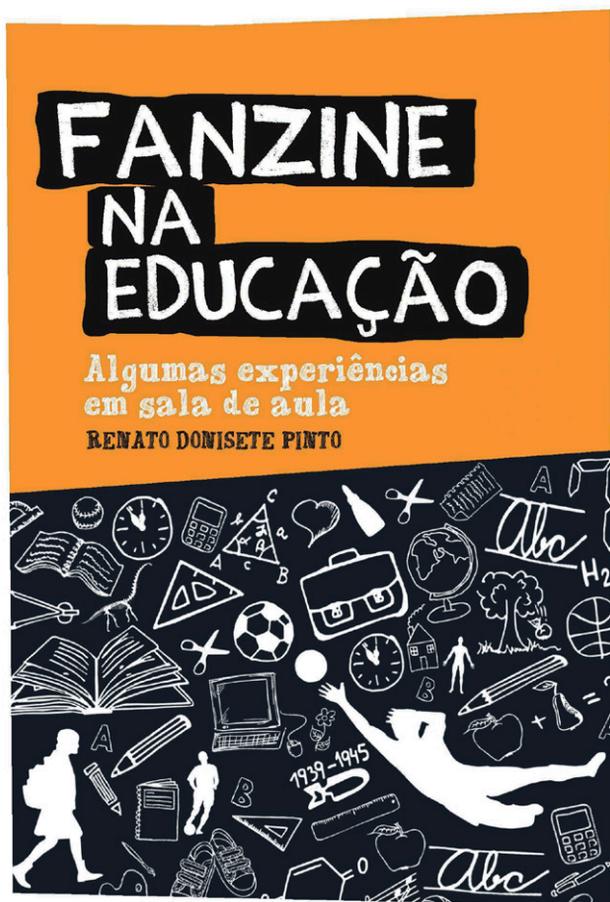
FANZINE NA EDUCAÇÃO

Algumas experiências
em sala de aula

RENATO DONISETTE PINTO



Renato Donisete Pinto



Marca de Fantasia
Paraíba, 2020 - 2ª edição

Fanzine na Educação:

algumas experiências em sala de aula

Renato Donisete Pinto
2020 - Série Quiosque, 29 - 2a. edição



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB. 58045-180. Brasil
marcadefantasia@gmail.com
www.marcadefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Editor/Designer: Henrique Magalhães

Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;
Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;
Gazy Andraus, Pós-doutoramento na FAV-UFG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI;
José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB;
Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nílton Milanez - UESB;
Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;
Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB

Capa: arte de Consuelo Gregori

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-09-6

Sumário

Prefácio	5
Apresentação	9
1. Afinal, o que é Fanzine?	11
2. Fanzine na sala de aula:	
a literatura mostra algumas experiências	14
2.1. A importância dos fanzines como recurso pedagógico nas escolas	
2.2. Ensino fundamental - conhecendo o espaço cotidiano em Viamão (RS)	
2.3. Fanzine numa escola da periferia de São Paulo (SP)	
2.4. Oficina de produção textual no ensino médio em Belo Horizonte (MG)	
2.5. A trajetória formativa desvelada pelos fanzines no Curso Normal Superior na cidade de Teresina (PI)	
2.6. Biograficizines: uma experiência com mestrandos da Educação	
2.7. Algumas produções recentes	
3. O fanzine como instrumento pedagógico utilizado numa escola da comunidade de Heliópolis em São Paulo	27
3.1. A EMEF Presidente Campos Salles e seu projeto pedagógico	
3.2. Entendimento da Educação Física na Escola	
3.3. Fanzine como suporte pedagógico	
3.4. Primeira experiência: fanzine no projeto monitoria (2006)	
3.5. O professor e sua experiência como fanzineiro	
3.6. Os anos de 2008 e 2009 - parceria para criar um manual sobre fanzine	
3.7. Língua Portuguesa – fanzine é conteúdo	
Considerações finais	45
Referências	46

Prefácio

A paixão pelos fanzines e pelo corpo gerando práticas educativas desafiadoras

Elydio dos Santos Neto
Educador

Não faço discurso contra a teoria. Tento chamar a atenção tão somente para as ilusões teóricas e a falta de paixão – o que ocorre quando somos *atingidos* não pela paixão, mas pelo teórico. Não abandonamos a reflexão. A pedagogia apaixonada também terá seu discurso. Mas será um discurso “sem crença” na eficácia teórica, reafirmando a persuasão da paixão.

Danilo Di Manno de Almeida¹

Começo lembrando, na epígrafe acima, a afirmação do filósofo de São Bernardo do Campo, no grande ABC paulista, porque este é um trabalho no qual a paixão e a busca de construção científica em educação, dado que é uma monografia de conclusão de um curso de *lato sensu*, estão profundamente imbricadas.

Este trabalho tem raízes na paixão. Primeiro a paixão do autor pela música *punk*, depois pelos fanzines. Então, Renato Donisete

1. ALMEIDA, Danilo di Manno de. Por uma pedagogia apaixonada. In: *Educação e Linguagem*, ano 2, no. 2, 1999, p. 101-117. São Bernardo do Campo, SP: Editora da UMEESP.

descobriu que poderia fazer uma publicação autoral, de baixo custo, autoeditada, com espaço aberto para a criação e que poderia comunicar-se, desta maneira, com sua comunidade de interesse comum. Assim, em setembro de 1990 nasceu o fanzine *Aviso Final*, um fanzine para divulgar o trabalho de bandas *punks* independentes. Este fanzine existe até hoje, tendo inclusive ido além das terras brasileiras e possibilitou ao seu autor tornar-se um fanzineiro, viver a experiência do fanzinato, trabalhar na perspectiva da produção/animação/re-invenção cultural. Ora, como explicar uma produção permanente de mais de vinte anos a não ser pela paixão? Que relacionamento se mantém viçoso, aceso, fogueiro, criativo e prazeroso se não existe mais paixão? Normalmente quando a paixão acaba então viceja a burocracia, o fogo acaba e os olhos deixam de brilhar. Não é o caso de Renato Donisete e de seu *Aviso Final*. Ao fazê-lo, refazê-lo e reinventá-lo, alimentando-o e dele se alimentando durante todo este tempo, pode ousar novas práticas fanzineiras em outros ambientes culturais, como é o caso da escola, onde atua como professor de Educação Física.

E aqui outra paixão do autor: a vida do ser humano; o corpo; o movimento; o pensamento crítico que não se resume à racionalidade, mas que é corpo; a autonomia; a vida cidadã; os processos educativos escolares que permitam a formação de cidadãos e cidadãs interessados/as numa sociedade com capacidade de permanente re-invenção e justiça para todos e todas. Objetivos grandes demais, alguém dirá. Mas que se perseguem também com “pequenos” construtos culturais, como é o caso dos fanzines, capazes de provocar espanto, reflexão, indignação, rebeldia e transformações, por menores que sejam.

Destas paixões e do trabalho numa escola municipal paulistana, de viés democrático e participativo, surgiu a possibilidade de Rena-

to Donisete trabalhar a disciplina de Educação Física por meio dos fanzines. Ele faz o relato desta experiência neste trabalho. Chamo a atenção sobre dois aspectos que considero importantes. O primeiro, o autor parte de sua experiência vivida, de sua paixão, de uma prática de muitos anos. Não despreza a teoria, da qual apresenta algumas referências aqui, mas sua base é sua prática que está sendo pensada e repensada. Considerando-se que o autor mantenha aceso este trinômio *prática/paixão/teoria*, pode ser que em algum tempo inicie uma elaboração mais sistemática de seu próprio discurso teórico sobre este tema, educação e fanzines, ainda tão incipiente. Segundo, sobretudo na experiência de Renato Donisete, pois ele relata outras experiências, porém com menos detalhes, não é possível deixar de considerar o contexto da escola em que a produção dos fanzines é efetuada: uma escola de princípios dialogais e democráticos, que entendeu a necessidade de um bom projeto político-pedagógico, que compreendeu a importância prática do trabalho coletivo e na qual há partilhas de experiências permanentes entre os docentes.

Neste trabalho, o autor apresenta ainda experiências, práticas e de pesquisa, em outros lugares do Brasil: Belo Horizonte (MG), Viamão (RS), Teresina (PI), São Bernardo do Campo (SP) e São Paulo (SP). São experiências ricas, cuidadosamente recolhidas e que pedem para ser lidas com bastante atenção e criatividade, em alguns casos indo diretamente à fonte bibliográfica.

Termino com um lembrete de cuidado: os fanzines são uma experiência de paixão, criação, autoralidade, rebeldia, autonomia e transgressão. Muitas práticas escolares, apesar de um discurso democrático, dialogal e participativo, são, na verdade, ainda práticas bancárias, autoritárias, domesticadoras. Quando se vai trabalhar com fanzines na escola o que não pode acontecer é eles serem cons-

truídos dentro de tais práticas que terminam por engessar a criatividade e os movimentos de transformação. É uma negação do espírito fanzineiro. E aqui fica um grande desafio para os educadores e educadoras: como trabalhar com os fanzines dentro de sala de aula, considerando o contexto escolar, e não cair em tais práticas?

Renato Donisete dá aqui algumas pistas, mas muitas outras poderão surgir a partir das provocações desta leitura. Aproveite. Crie. Re-invente.

Apresentação

O fanzine surgiu a partir do ano de 1930 por leitores de história de ficção científica nos Estados Unidos, cujo objetivo era divulgar seus trabalhos autorais fora do circuito profissional e comercial (Muniz, 2010). Seu nome já conceitua sua função: revista do fã. Transformou-se num forte veículo de expressão individual distante dos meios de comunicação oficiais. A sua facilidade de produção e seu caráter aparentemente descompromissado é o que atrai seus autores a transmitirem suas ideias (CLIFFORD & VENNE, 2011).

Através desta publicação amadora seu autor tem total domínio de seu processo de produção, desde a coleta de informações, redação, diagramação, arte composição, além da impressão e distribuição. Isto favorece sua maior liberdade de criação e principalmente expressão.

Como mencionado por Nascimento (2010) o fanzine ainda é muito pouco utilizado na sala de aula. Neste estudo investigamos na literatura algumas práticas desenvolvidas em diversos componentes curriculares, tais como Língua Portuguesa, Geografia e Educação Física, no Ensino Básico; como também experiências vivenciadas no Ensino Superior, como no Mestrado em Educação e no Curso Superior. Num segundo momento é descrita a experiência do autor com a utilização dos fanzines em seus trabalhos, em uma escola municipal situada nas proximidades da comunidade de Heliópolis, em São Paulo.

Este trabalho é fruto inicial de uma monografia apresentada na Faculdade Campos Elísios na cidade de São Paulo em 2012 no curso de *latu sensu* Educação para Diversidade e Cidadania. Posteriormente

mente a experiência do autor foi relatada no trabalho *O Fanzine como Recurso Pedagógico nas aulas de Educação Física*, apresentado no IV Seminário de Metodologia do Ensino da Educação Física (SEMEF) realizada no mês de julho de 2012 na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

Afinal, o que é fanzine?

O nome *Fanzine* é uma contração das palavras inglesas *fanatic magazine* e significa revista do fã. Este nome foi criado em 1941 nos Estados Unidos por Russ Chauvenet. Desta forma, é toda publicação feita de forma amadora, sem intenção de lucro. É caracterizado pela paixão de seu editor por determinado assunto (GUIMARÃES, 2005).

O surgimento dos fanzines se deu mesmo antes da existência deste nome. Eles surgiram a partir de 1930 produzidos por leitores de ficção científica (MAGALHÃES, 1993). A literatura indica como pioneiro o fanzine *The Comet*, dos Estados Unidos (BRENT & BIEL, 1997).

No Brasil o registro que se tem é que o primeiro fanzine foi criado por Edson Rontani em Piracicaba (SP) no ano de 1965 com o nome de *Ficção*. Ele era impresso em mimeógrafo a álcool, variando entre dez e doze páginas. Sua tiragem era de aproximadamente trezentos exemplares (Magalhães, 1993). *Ficção* foi criado em função da necessidade da troca de informações, inspirado nas primeiras revistas de estudos sobre quadrinhos lançados na França no início dos anos 1960 (MAGALHÃES, 2004). Andraus (2009) sugere o dia 12 de outubro como o Dia Nacional dos Fanzines, homenageando o pioneiro do surgimento do fanzine brasileiro.

Até então, no Brasil, era denominado como *boletim*, só a partir de meados da década de 1970 que o termo fanzine começou a ser utilizado. Nesta década os fanzines tornaram-se bastante populares com a explosão do movimento punk e o seu lema “faça você mesmo” (BI-



Capa de Ficção, primeiro fanzine do Brasil

VAR, 1982). Este processo também foi favorecido com a expansão do processo das fotocópias, introduzidas comercialmente nos Estados Unidos desde 1958 (BRENT & BIEL, 2008). Os assuntos abordados nos fanzines são os mais diversos possíveis, desde música, poesia, quadrinhos, até a já citada ficção científica (GUIMARÃES, 2005). Qualquer tema pode ser desenvolvido em um fanzine.

Sua forma de produção abrange diversas etapas: começa com definir linha editorial, montar a edição, decidir a forma de impressão, até chegar ao resultado final que é a edição impressa pronta para ser distribuída e divulgada (GUIMARÃES, 2005).

A forma mais simples de se fazer um original de fanzine é através da montagem de recortes de imagens, texto manuscrito, datilografado ou digitado colado numa folha de papel sulfite e depois reproduzido em fotocópias. Partindo de uma folha de sulfite no tamanho

convencionado A4 pode-se desenvolver diversos formatos, desde ½ página, ou seja, folha dobrada ao meio, até o denominado acordeom, com a folha com oito dobras (TODD & WATSON, 2006). As fotocópias podem ser feitas em folhas na cor branca, passando pelo papel reciclado até em cores e com gramaturas mais espessas. Pode-se utilizar colagens de recortes de revistas e jornais até a editoração em programas de computador específicos para publicações. O mais importante neste processo criativo é a personalidade que será dada à publicação, ou seja, única e autoral. Economia, experimentação, ousadia, irreverência e simplicidade continuam sendo o principal de toda produção (LOURENÇO, 2006).

Todo autor de um fanzine quer ver seu trabalho lido e apreciado. A forma de distribuição deste tipo de publicação geralmente é através de envio pelo correio. Guimarães (2005, p. 28) conceitua que “distribuição é fazer a edição chegar ao seu leitor”. Além do envio pelo correio, alguns editores buscam alternativas, desde vender sua publicação de mão em mão em eventos com o público alvo até colocar em bancas ou lojas especializadas.

Portanto não existe uma regra para se fazer a distribuição, o importante é fazer com que a publicação atinja seus interlocutores. Nos últimos anos tem acontecido algumas feiras e eventos direcionados aos fanzines, como também um *Anuário de Fanzines e Publicações Independentes* produzido pela editora independente Ugra Press.

2

Fanzine na sala de aula: a Literatura mostra algumas experiências

2.1. A importância dos fanzines como recurso pedagógico na escola

Nos últimos anos a produção dos fanzines impressos tem aumentado bastante. Muito se tem falado deles como disseminador de cultura. Temas variados como poesia, movimento punk, cinema, quadrinhos têm se utilizado deste meio. O fanzine transmite informações e conseqüentemente produz cultura. Portanto ele será incorporado à cultura brasileira (GUIMARÃES, 2005).

De maneira geral, para Nascimento (2010, p. 123),

o fanzine tem margeado a escola e, mesmo sendo de baixo custo, não o incluímos na sala de aula como um recurso pedagógico que possibilita o exercício da cidadania, da criatividade e da criticidade, além de ampliar o olhar ante as imagens que nos são postas.

Alguns educadores têm se convencido do quanto o fanzine tem a favorecer na aprendizagem e na melhora da autoestima de seus alunos como poderemos ver adiante em algumas ricas experiências.

Sem dúvida alguma o fanzine contribui para aproximação do aluno com produção escrita. Desta forma ele poderá melhorar a forma de se expressar não só na escola como também com os amigos e pa-

rentes. Especificamente na Língua Portuguesa o fanzine demonstra o carácter abrangente, crítico e prático da língua.

Pode ser um valioso exercício de leitura e escrita, e principalmente possibilita ao aluno se tornar o autor de sua obra e de se fazer ouvir. É importante que o aluno tenha clareza em saber quem são seus interlocutores. É um excelente meio de divulgação de ideias.

Vale destacar também as inúmeras possibilidades que a linguagem visual de um fanzine abrange. Podem ser utilizados recortes, textos manuscritos, digitados e datilografados etc. A arte pode conter desenhos, fotos, recortes de revistas e jornais etc. (CAMPOS, 2009).

A autorialidade é uma questão muito importante no sentido que o indivíduo através da confecção de um fanzine torna-se o autor de sua obra e amplia sua expressão individual, indo no caminho inverso aos padrões criados pela sociedade industrial. Desta forma cada pessoa torna-se autor elaborando sua própria edição utilizando os formatos que julgar necessário e tratar de temas do seu gosto pessoal (ANDRAUS, 2009).

Através do fanzine, além do estímulo da criatividade e do protagonismo na sala de aula, também pode-se trabalhar qualquer componente curricular, inclusive Educação Física, como veremos a seguir, de forma reflexiva, consciente e divertida (CAMPOS, 2009). Como afirma Nascimento (2010, p. 125), “Portanto, a prática *zinesca* veicula formas de aprender, construindo e reconstruindo saberes que potencializem o poder de intervir como sujeitos pensantes no meio sociocultural”.

2.2. Ensino Fundamental: conhecendo o espaço cotidiano em Viamão, RS

No campo da Geografia, o professor Fábio Poletto Franco utilizou o fanzine para que seus alunos reconhecessem o espaço onde vivem e estudam, no caso, a Escola Estadual de Ensino Fundamental (E.E.E.F.) Walt Disney situada na cidade de Viamão, município vizinho de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. A opção pelo fanzine se deu já que o autor acredita que o mesmo evoluiu, não servindo apenas ao movimento cultural, mas também como recurso metodológico para professores. Seu trabalho parte do princípio que os educadores precisam conhecer e aprender sobre seus alunos para que a relação de ensino-aprendizagem se torne efetiva. Para tanto foi criado um curso de fanzine para os alunos da 5^a e 6^a séries do ensino fundamental. O curso foi oferecido para 20 alunos no contra-turno das aulas, ou seja, os estudantes do período da tarde frequentaram o curso no período da manhã. Foram quatro encontros semanais sendo que cada encontro era de duas horas e meia. As aulas foram nos dias 28 de setembro, 5 de outubro, 13 de outubro e finalizou em 19 de outubro de 2008. Este curso teve a intenção de construir subsídios para reconhecimento e analisar a percepção e a representação que os alunos têm do espaço cotidiano, a escola. Sua pesquisa apresentou três principais momentos:

1. Analisar o espaço geográfico escola enquanto lugar do cotidiano;
2. Contextualizar a representação social como atribuição de sentidos aos espaços e;
3. Analisar as representações sociais por meio do fanzine para reconhecermos os lugares dos alunos.

Por representação social o docente conceitua que “são atribuições de significados que objetivam dar sentido àquilo que nos relacionamos”.

Na escolha dos temas para confecção dos fanzines, inicialmente os alunos deram destaque para alguns aspectos negativos da escola, como, por exemplo, a sujeira dos banheiros e as pichações. Através destes temas os principais assuntos trabalhados foram com relação à segurança e a má conservação do prédio da escola. Paralelamente alguns alunos basearam seus trabalhos na premissa da escola sendo fundamental na construção de uma vida melhor e um dos assuntos abordados tratou do esporte como fator de identificação por parte dos alunos, afastando-os das drogas.

Dentro desta perspectiva destacaremos três produções. A aluna Rayana descreve situações pelas quais o professor autor do projeto passa em sala de aula. Ela relata em seu fanzine que quando “tudo ocorre normal quanto ao comportamento, a aula torna-se mais agradável”.

Henrique e Leandro criaram *O fim da escola?!?*, um fanzine que tem uma letra de estilo musical rap retratando o prédio da escola.

Esporte é Saúde é a produção dos alunos Fabiano, Giovane e José. Nele é discutido que a prática de esportes afasta as pessoas das drogas e aborda a falta de espaços para a prática do futebol.

Bastante interessante ficou a história em quadrinhos que os alunos Bruno, Jordan e Rafael produziram para o fanzine *Perigo até a escola*. Esta história retrata como é o trajeto dos alunos da casa até a escola.

O autor teve inicialmente a impressão de que o fanzine “tem a capacidade de tornar mais claro ao aluno a possibilidade de tornar-se um agente ativo e consciente de que as suas escolhas têm representatividade no grupo em que está inserido” (FRANCO, 2010, p. 39).

Franco (2010) concluiu que o fanzine foi utilizado como recurso e metodologia para implantação de seu projeto, tornando-se inte-

ressante forma de expressão por parte dos alunos ocasionando um envolvimento satisfatório. Detectou a importância da construção de novos veículos de comunicação alternativos para reforçar a identidade local e possibilitar a apropriação dos espaços habitados.

2.3. Fanzine numa escola da periferia de São Paulo

Em sua dissertação de Mestrado, o professor Hildebrando Cesário Penteado problematizou a expressão cultural de jovens na periferia através da produção de fanzines. Nos anos de 2002 e 2003 foram produzidos/confeccionados diversos fanzines no interior da E.E. Padre Luiz Sérgio Pacheco do Nascimento, escola localizada no município de Francisco Morato. Na elaboração destes fanzines, participaram ativamente 17 alunos, cuja faixa etária variou dos 14 aos 23 anos, sendo 3 estudantes no Ensino Fundamental e os demais do Ensino Médio.

Dentro da realidade vivida por estes elementos foram divididas as tarefas quanto a suas habilidades, ou seja, alguns alunos que não possuíam tanta habilidade com a escrita, mas possuíam habilidades para desenho e vice-versa desempenhavam seu papel na confecção das publicações. Nenhum aluno que mostrou interesse em participar da produção foi excluído.

A confecção propriamente dita se deu através de sua forma mais simples, ou seja, utilização de recortes de revistas e jornais, xerócopias de livros didáticos e de poesias. Com o apoio de alguns professores este processo foi realizado em grande parte no interior da escola, seja na sala de computação, biblioteca, como na utilização do material pedagógico da escola (cola, tesoura, papel, tinta, canetas etc.). A montagem dos originais contava com manuscritos, uso de

máquina de escrever e alguns tipos de digitação feita na escola. De maneira geral estas produções possuíam uma relação muito estreita da colagem com o texto escrito e vice-versa.

Além destas produções inicialmente coletivas, alguns alunos partiram para produções individuais, caso do aluno Alex Eduardo, que deixou um trabalho coletivo e foi produzir seu fanzine chamado *Manifesto*.

O conteúdo dos textos e temas tratados não poderia ser de outra forma, é a leitura que fazem do mundo. Temas como violência local e regional, a visão que possuem da escola, a questão racial e o questionamento do sistema capitalista foram debatidos para depois serem divulgados entre seus pares na escola. Os grupos que produziram esses fanzines tiveram a admiração e respeito de seus companheiros leitores pelo fato de expressarem ativa e criativamente suas ideias.

Vários nomes sugestivos surgiram dessas produções. Destaque para o fanzine *Pensamento do esquecimento e Esquecimento dos pensamentos*, que contou com duas edições (nº 0 e 1). O aluno Alan Roso de Oliveira justifica que “refere-se ao fato de que eles esqueceram os pensamentos que vinham sendo colocados na cabeça deles pela ideologia burguesa e que esses novos pensamentos um dia serão também esquecidos talvez por aqueles que não queiram saber que os jovens da periferia pensam” (PENTEADO, 2005, p. 49).

Já o fanzine *Cara e Coragem*, que só possuiu a edição número zero, denota o fato de seus editores serem muito novos e para a montagem da edição era necessário ter muita cara e coragem para realização. Ele contou com a participação direta da professora de Língua Portuguesa da instituição.

A periodicidade não apresentava uma regularidade, como acontece também fora do ambiente escolar (MAGALHÃES, 1993). Isto é atribuído, principalmente, pela vontade do seu editor, como também dis-

ponibilidade financeira para tirar as cópias. Essas cópias geralmente eram tiradas em bazares ou em gráficas dos arredores da escola, demandando obtenção prévia de dinheiro por parte dos alunos.

A circulação desses fanzines atravessou os muros da escola, mesmo com tiragens pequenas e possibilitou um fato interessante: a união de fanzines de escolas diferentes que gerou o *Pânico do Esquecimento*, junção do já citado *Pensamento do esquecimento...* com o fanzine *Pânico* da escola localizada num bairro próximo.

Através desse trabalho com os fanzines a biblioteca tornou-se um espaço ocupado pelos alunos, sendo que anteriormente quase sempre vivia fechada.

Esta pesquisa possibilitou apreender sobre novas dimensões das manifestações culturais dos jovens moradores das periferias em São Paulo. Ficaram evidentes as singularidades dessas manifestações através das imagens, gírias, conteúdos e demais expressões (PEN-TEADO, 2005, p. 123).

2.4. Oficina de produção textual no Ensino Médio em Belo Horizonte

No ano de 2008, a educadora Fernanda Ricardo Campos ministrou uma oficina de produção textual focada na elaboração de fanzines no Centro de Educação Federal Tecnológica – CEFET – realizada em Belo Horizonte. Todos os alunos participantes eram da instituição e comunidade e cursavam o Ensino Médio. Foram utilizados dois encontros, nos dias 18 e 19 de setembro de 2008, com duração de três horas cada encontro. Seu objetivo foi estimular nos seus participantes a crítica, a criatividade e a propagação livre de opiniões. A opção pelo fanzine se deu pelo baixo custo e a infinida-

de de temas que ele comporta. As etapas da oficina contemplaram a conceituação de fanzine, sua história e apresentação de diversos exemplares. Posteriormente se discutiu os temas, a redação dos textos e execução de colagens. Por fim se deu a elaboração dos fanzines. Durante todo o processo os alunos foram estimulados a refletir e trocar informações de forma prazerosa e que apresentassem serventia pública. Os temas escolhidos foram mídia, eleição, arte.

Para ilustrar a importância desta oficina, vale destacar o depoimento do aluno Leonardo Vasconcelos:

Quando fui à oficina de FANZINE, mal sabia o que era isso. Achei que iria ler um texto qualquer só para criticar o autor depois. Mal sabia eu que o autor era eu mesmo. Descobrir o fanzine foi realmente incrível. Uma maneira tão criativa de falar e ser ouvido, de poder ouvir também, conhecer idéias e culturas novas de pessoas que pensam como eu. Foi bom debater temas com outras pessoas e perceber que é possível quebrar as barreiras da distância para transmitir meus pensamentos. Que eu possa agora transformar esse conhecimento em uma prática constante (CAMPOS, 2009, p. 11).

2.5. A trajetória formativa desvelada pelos fanzines no Curso Normal Superior na cidade de Teresina, Piauí

A pesquisadora Ioneide Santos do Nascimento investigou em sua tese de Mestrado a trajetória formativa de futuros professores e os significados que eles atribuem nesta formação. Utilizou o fanzine como instrumento para que os estudantes apresentassem suas narrativas de forma criativa. Participaram desta pesquisa qualitativa 21 estudantes matriculados no turno da noite, do Curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação Antonino Freire – ISEAF, em Teresina, Piauí. Os sujeitos do estudo são, portanto, professores em

formação, estudantes do 7º bloco do Curso Normal Superior. Neste estudo os alunos tinham que descrever sua trajetória formativa, como também buscar a compreensão de como se veem no futuro como professores. Em acordo com os alunos envolvidos, foram utilizadas as aulas de estágio supervisionado para a implementação da pesquisa. Estes encontros para produção dos dados foram denominados de “Espaços de Produção”. Ao longo da pesquisa foram utilizados 10 encontros de 4 horas cada.

Este grupo de pesquisa constava com alunos que já tinham conhecimento do que é um fanzine (participaram de oficinas anteriormente); outros que já tinham algum conhecimento, mas não sabiam fazer; por fim, quem nunca tinha ouvido falar desta produção independente, e aceitou o desafio de revisitar sua trajetória.

No mês de junho de 2009, durante esses encontros, foram produzidos dois fanzines (um individual e outro coletivo). Abaixo os momentos da pesquisa:

Primeiramente aconteceu uma entrevista semiestruturada para os discentes narrarem sua trajetória e criarem uma linha do tempo e desse relato confeccionar de próprio punho a sua trajetória que constou no fanzine quando editado.

Depois participaram de uma roda de conversa para socializar suas experiências e encontrar pontos em comum nas trajetórias formativas.

O terceiro momento vivenciado antes da produção do fanzine coletivo foi de discussão quanto às mudanças que proporião para o aperfeiçoamento do curso.

Por fim nova roda de conversa para trocar e apresentar os fanzines editados.

Neste estudo a autora concluiu que a escrita das narrativas utilizando o fanzine se apresentou como uma estratégia rica e significa-

tiva nos processos formativos. Os interlocutores tiveram a possibilidade de se reconhecerem como autores de sua própria história, não somente no momento do curso de formação, mas desde a educação básica e experiências adquiridas com seus pares. A história de vida construída configurando subjetividades mostrou tanta importância quanto a vida acadêmica em sua formação.

2.6. Biograficzines: uma experiência com mestrandos da Educação

Outra experiência inovadora foi desenvolvida no curso de Mestrado em Educação na Universidade Metodista de São Paulo. O professor Elydio do Santos Neto utilizou o biograficzine como instrumento pedagógico em dois seminários didáticos, um no ano de 2008 e outro no ano seguinte. O autor conceituou biograficzine como “um fanzine que tem por objeto as histórias de vida: contar experiências de vida e formação tendo como objetivos principais o autoconhecimento, a partilha de narrativas pessoais com outros, o trabalho com as imagens e o desenvolvimento da autoralidade” (NETO, 2010). De certa maneira podemos chamar de fanzine autobiográfico.

Para a criação dos biograficzines pelos mestrandos o professor passou pelas seguintes etapas:

- Problematização da formação dos professores (as) no contexto de hoje;
- Narrativas autobiográficas (elaborar um texto com a própria trajetória formativa);
- Cultura visual, desafios para a educação e formação de educadores;

- História em quadrinhos: razão e sensibilidade na expressão de narrativas autobiográficas;
- Oficina de fanzines ministrada pelo professor acadêmico e também fanzineiro Gazy Andraus;
- Construção do biograficizine que expresse a trajetória formativa dos mestrandos;
- Partilha fanzineira dos biograficizines (NETO, 2010 p. 39-40).



Biograficizine do Prof. Elydio

Na oficina ministrada pelo professor convidado Gazy Andraus, além de explicar seu próprio processo de trabalho com fanzines, no qual utiliza audição de músicas para modificar o processamento mental tornando sua consciência mais criativa, apresentou através do PowerPoint as ricas possibilidades interativas, interdisciplinares

de se trabalhar com os fanzines; além do rico processo psíquico ao confeccionarem seu fanzine autobiográfico.

Deste trabalho surgiram resultados muito interessantes. Segundo a aluna Neli, gerou uma proximidade maior entre os participantes. A aluna Alessandra constatou a dificuldade de se fazer algo que não é habitual, ou seja, reelaborar sua história e articulá-la de forma criativa. Como “produto final” surgiu uma história em quadrinhos cujo roteiro foi criado por Helena e desenhada por seu irmão José Luiz; e também a simulação de uma antiga caderneta escolar realizado por Patrícia.

2.7. Algumas produções recentes

No 2º *Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Independentes*, editado no ano de 2012 em São Paulo pela editora independente Ugra Press, aparecem quatro produções desenvolvidas em 2011 envolvendo os fanzines na educação:

A *Muriçoca* é um fanzine produzido por integrantes do cursinho pré-vestibular Educamais do município de Osasco. Com o objetivo principal de aliviar a tensão do vestibular esta publicação fotocopiada apresenta em suas 16 páginas temas relacionados a carreiras profissionais, escolhas e projetos de vida. Já passou da décima edição.

Já a professora da rede estadual de São Paulo, Fabiana Menassi, produziu diversos fanzines com e para seus alunos, dependendo do tema estudado. Foram elaboradas publicações sobre a cultura africana e sua relação com a nossa terra; uma homenagem para o Dia das Mães com mensagens e ilustrações; um fanzine com definição, lendas e brincadeiras do folclore brasileiro.

Também na rede estadual de São Paulo, na E.E. Melvin Jones, o autor deste livro, professor de Educação Física Renato Donisete Pin-

to elaborou uma publicação com seus alunos da 4^a série do Ensino Fundamental. Com roteiro e fala dos próprios alunos, eles criaram uma fotonovela para registrar seu último ano na instituição.

Na Paraíba, o docente da Educação de Jovens e Adultos (EJA) Josival Fonseca produziu uma publicação chamada *Gibizone* com todas as atividades realizadas pelos seus alunos relacionadas às histórias em quadrinhos. Essa experiência fará parte do trabalho acadêmico desenvolvido pelo autor.

O fanzine como instrumento pedagógico utilizado numa escola da comunidade de Heliópolis em São Paulo

3.1. A EMEF Presidente Campos Salles e seu Projeto Pedagógico

Desde 1995, mais precisamente em 21 de novembro, com a chegada do seu diretor Brás Rodrigues Nogueira, a Escola Municipal de Ensino Fundamental – EMEF Presidente Campos Salles, situada no bairro de São João Clímaco e nas proximidades da comunidade de Heliópolis (GALLO, 2009) vem passando por transformações quanto ao seu projeto pedagógico, fortemente inspirado na experiência da Escola da Ponte de Portugal.

Na sua chegada o diretor se aproximou das lideranças comunitárias, na época representadas pelo casal João Miranda Neto e sua esposa Genésia (GALLO, 2009) e norteou as ações e atividades da unidade escolar em dois princípios:

1. Escola como centro de liderança na comunidade onde está inserida;
2. Tudo passa pela educação.

Com o avanço do projeto pedagógico em setembro de 2005 deu início à implementação da metodologia de ensino com base nos princípios da Escola da Ponte (Portugal). Desta forma agrupou mais três princípios norteadores:

1. Autonomia;
2. Responsabilidade;
3. Solidariedade.



Fachada da EMEF Presidente Campos Salles

Agora estes cinco princípios são vivenciados cotidianamente e respeitados em todas as ações promovidas pela escola.

Foram criados pelos professores roteiros de estudos para os alunos. Eles visam articular as áreas do conhecimento e as disciplinas. Esses roteiros estão amparados no documento “Expectativas de Aprendizagem” proposto pela Secretaria Municipal de Educação. Ele também leva em consideração os saberes e necessidades da comunidade e a inclusão da escola no mundo e este na escola.

Estruturalmente as mudanças começam com os alunos agrupados em mesas com quatro elementos, onde o grupo tem a autonomia de decidir qual disciplina irá estudar no dia. Todos os alunos da mesma série/ano estudam em um único salão. Para as explicações dos roteiros, até o ano de 2012, os alunos acompanhavam o profes-

tor da disciplina na sala de orientação de estudos, e lá têm todas as explicações e orientações específicas da disciplina. Voltando ao salão os alunos devem desenvolver as tarefas propostas e, em caso de dúvida, primeiramente devem se dirigir aos seus companheiros para tentar resolvê-la, se não conseguirem devem pedir explicações para o professor que está no salão. Neste caso, o professor é um orientador para se buscar as soluções. Dessa forma é possibilitado ao aluno a autonomia necessária para a resolução das atividades propostas nos roteiros. Estes roteiros, de maneira geral, têm duração de um mês.

Nesta dinâmica de estudos, a disciplina Educação Física buscou se adaptar a esta nova forma de trabalho.

3.2. Entendimento da Educação Física na escola

O componente curricular Educação Física acompanhou esse processo de mudança na instituição, distanciando-se das concepções construídas historicamente, tais como a médico higienista (corpo disciplinado, asséptico e sadio), a eugenista (formação de uma raça pura brasileira separando indivíduos aptos dos inaptos) e a esportivista (nacionalismo através do esporte, competição, seleção dos melhores, vitória a qualquer custo). Estas concepções sempre foram desprovidas de maiores reflexões, sempre focadas no “fazer” com intenções de moldar aparência e comportamento social. Neste modelo o professor torna-se apenas um instrutor de atividade física aos mais aptos.

O enfoque principal foi transferido para o conhecimento, amparado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9496 de 1996, que reconhece “a Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajus-

tando-se às faixas etárias e às condições da população escolar...”. Foi adotada a proposta que a Educação Física possua uma cultura corporal de movimento, cujo objetivo específico é a socialização de conhecimentos que permita ao aluno otimizar suas potencialidades e possibilidades para movimentar-se de maneira habilidosa, como ter capacidades de agir no meio em que vive para buscar uma melhor qualidade de vida (OLIVEIRA, 1992).

Com esta visão macro do componente Educação Física, na busca de roteiros de estudo com qualidade e que além dos conhecimentos e vivências específicas da área também se articulasse com o seu entorno, no caso com a comunidade de Heliópolis, foi desenvolvido o *Caderno de Estudos de Educação Física*. Este caderno nada mais é que um fanzine produzido pelo professor da área com os temas específicos do componente curricular.

3.3. Fanzine como suporte pedagógico

Para atingir esse objetivo foi criado o *Caderno de Estudos de Educação Física* utilizando o suporte dos tradicionais fanzines. Seu editor, o professor titular Renato Donisete Pinto pode então ser considerado um aficionado pelo universo da atividade física e movimento e seu público são os alunos da instituição. O formato utilizado desde o início é o meio-ofício ou A5, ou seja, uma folha de papel sulfite A4 dobrada ao meio (TODD & WATSON, 2006). Desta forma torna-se um caderno de quatro páginas, assim configurada:

- a) Página 1. Capa do caderno com o mês, a série e o título do tema a ser abordado. Contém foto ou desenho para os alunos colorirem;
- b) Página 2. História e introdução ao tema trabalhado e seu desenvolvimento;

c) Página 3. Continuação do desenvolvimento do tema.

d) Página 4. Finalização do desenvolvimento do tema. Referências do tema que foi pesquisado, questões para estudo e espaço para identificação do aluno (nome e número da mesa).

EDUCAÇÃO FÍSICA

EMEF Presidente Campos Salles

Nº 18 Caderno de estudos de Educação Física

2ª quinzena de Outubro de 2010.



RATATÁ F.C.
O futebol de várzea
de Heliópolis.

História do futebol de várzea

Surgiu a partir da prática do esporte bretão em campos feltos na várzea às margens do (rio Tietê), antes mesmo de haver profissionalismo no Brasil.

A organização desta prática amadora fez surgir os primeiros times, também conhecidos como "clubes de várzea". Estes clubes são, basicamente, sociedades informais que funcionam como ponto de encontro de amigos para os fins de semana.

Grandes craques do futebol brasileiro e do mundo foram revelados na várzea, ratificando o bom nível técnico apresentado pelos times da várzea no passado. Hoje ainda há relatos de jogadores vindos destes clubes, mas são raríssimos, pois os clubes profissionais investiram muito na estrutura de suas categorias de base. Porém, o perfil do jogador varzeano é de uma pessoa que trabalha em carga horária completa que eventualmente faz outra atividade física ou de ex-jogadores profissionais. Há ainda, jogadores que chegaram a ser profissionais, mas não conseguiram continuidade em suas carreiras e vivem de eventuais prêmios pagos pelos clubes varzeanos por participações em alguns torneios amadores.



O esporte hoje

Apesar do grande crescimento da cidade, muitos campos de várzea sobrevivem graças aos esforços de clubes e comunidades locais, que veem no futebol uma forma de encontrar os amigos para descontrair aos finais de semana e de manter as crianças da comunidade em uma atividade esportiva ativa no tempo livre durante a semana, ajudando assim a construir o caráter e a personalidade de jovens, especialmente em comunidades carentes.

Infelizmente com mais facilidade a tecnologia e informática, muitos jovens de classe média e alta tem mostrado cada vez menos interesse em praticar esportes, o que restringe - cada dia mais - a prática do futebol de várzea às periferias pobres da cidade.

Porém o Futebol de várzea, por ser uma grande tradição do povo brasileiro, jamais deixará de existir, pois encontra ainda apoio de entidades públicas e privadas, que através de incentivos na manutenção de campos e equipes de futebol, e realização de torneios, festivais e campeonatos sempre atraentes, mantêm viva a chama do esporte bretão no coração dos brasileiros.

Futebol de várzea é uma denominação brasileira, típica do estado de São Paulo, convencionada ao futebol praticado de forma amadora e organizada.

Capa e página 1 do Caderno de Estudos de Educação Física (2010)

Ratató F.C. é tradição do futebol de Heliópolis



Em Heliópolis uma das equipes mais tradicionais de futebol de várzea é o Ratató F.C.. Ele surgiu quando o atual empresário Jonas João Alves veio do Piauí com todos os seus familiares para morar na comunidade. No Piauí eles tinham um time chamado CEPI de Picos. Quando chegou ele continuou com o time jogando aqui na região. Exatamente em 12 de dezembro de 1997 (data da fundação oficial do Ratató), no vestiário após um jogo ele decidiu mudar o nome de CEPI e neste momento surgiu o nome Ratató, inspirado num trecho de uma música do Racionais MCs, sendo que o rapper Edi

Rock é um dos padrinhos do time, junto com o jogador Magrão, os músicos do grupo Pixote e o rapper vizinho (de Araruá) Rappini Hood. Embora nunca tenha jogado pelo Ratató, o meio-campista Magrão (ex. São Caetano, Palmeiras, Corinthians e atual Inter de Porto Alegre) foi criado em São João Climaco e é uma das pessoas que mais ajuda o time e nunca esqueceu das suas origens. A equipe para se manter também recebe o importante apoio do comércio da região, como o açougue Copa Rio, as padarias do Adão e Santa Teresa, do empresário Alemão da firma 7 Trevos, do próprio presidente do time Jonas da JR Controle de Portaria e também da venda de camisetas, adesivos, bolsas e agasalhos do Ratató. Desde 1997 o Ratató vem fazendo história, inclusive nos meios de comunicação, saindo em matérias na revista Trip, jornal Folha de São Paulo, Diário de São Paulo e também na televisão no programa do apresentador Datena. No momento está sendo finalizado um documentário do futebol de várzea de São Paulo chamado "Várzea: a bola rodada nas beiradas do coração", produzido pela Prefeitura de São Paulo. Nele a história do time é contada. Quem quiser ver uns trechos, basta visitar na internet o site www.varzeajoogodavida.com.br.

Nestes 12 anos o time revelou alguns jogadores para o futebol profissional, dentre eles o volante Thiago que atualmente joga no futebol da Ucrânia e o lateral-esquerdo Filipinho, atuando no interior paulista pelo São José E.C.

Após ser seis vezes campeão de Heliópolis, o Ratató expandiu as fronteiras da comunidade e disputou este ano a Copa Anhanguera, tornando-se vice-campeão. Ano que vem disputará a série B da Copa Kaiser, disputada por equipes de várzea do município todo. Vale também ressaltar que o time foi vice-campeão invitado num torneio no CEU Meninos. Nestes campeonatos o Ratató manda seus jogos no campinho de Heliópolis situado ao lado do Hospital. Este campo existe há mais de 20 anos quando foi ocupado pela comunidade, e desde então foram feitos aterramentos para se aumentar o seu tamanho. Hoje em dia, segundo o Sr. José Mauro que cuida deste espaço, mais de 20 equipes da região se utilizam para jogar.

Conversando com o chefe de torcida Dedé, ele nos passou a escalção do ano passado da equipe. No gol tivemos o Nilson, nas laterais o Febem e o Fernando, na defesa a dupla George e Pato-Rocco, no meio-campo Zidane (não é o famoso ex. jogador francês do Real Madrid).



Diguinho, Iscube e Marlon (irmão do jogador Magrão do Internacional de Porto Alegre) e no ataque Preto e Duda. Completaram o elenco os jogadores Pierre, Daniel, Nam, Gerson, Saulo e Di. O técnico era o Chapeu, auxiliado pelo Didi. Legal saber que um dos diretores e conselheiros do Ratató, o Brás Manoel Alves, já foi aluno da EMEF Presidente Campos Salles e nos recebeu atenciosamente na sede do time, que fica na Rua 2 de fevereiro, 45, bem próximo ao açougue Copa Rio. Neste espaço tem as fotos das equipes do Ratató e de figuras ilustres como o jogador Zidane quando visitou nossa comunidade e deixou uma camisa da França autografada, além dos troféus conquistados. Pelo jeito o futebol amador de Heliópolis está muito bem representado.



Renato Donisete

Professor de Educação Física da EMEF Pres. Campos Salles

Questões para estudo



1. Procure as palavras desconhecidas no dicionário.
2. Além do Ratató F.C. quais são os outros times de futebol de Heliópolis que o grupo conhece?
3. Você conhece algum jogador do Ratató F.C.?
4. Quais são as diferenças entre um time profissional e um time de futebol amador?
5. Na comunidade onde podemos jogar futebol?
6. Existe time de futebol feminino em Heliópolis? Vocês conhecem meninas que jogam futebol?
7. O que significa futebol de várzea?
8. Alguma vez o grupo criou ou participou de um time? Comente a experiência de cada integrante do grupo.

Caderno elaborado pelo Prof. Renato Donisete Pinto (Educação Física)

Todo o material deste caderno foi elaborado através de entrevista com Jonas João Alves (presidente do Ratató), Brás Manoel Alves (diretor do Ratató), Dedé (chefe de torcida), Sr. José Mauro (manutenção do campo de Heliópolis) e nos sites: www.wikipedia.org e www.varzeajoogodavida.com.br

Fotos cedidas pelo Ratató F.C. e no blog <http://fotolog.terra.com.br/toninho:274>

Capa: foto de Renata Vasconcelos extraída do livro: Heliópolis. Renata Castello Branco, Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, 2008. Agradecimentos: Ana Maria (coordenadora pedagógica), Ângela, Talita e Bernardete da secretaria, Prof. Marco (História), Izidoro (Matemática), alunos Pedro Bueno (8ª Série), José Wilson (6ª série) e José Denilson (6ª série) e Jonas, Brás, e Dedé do Ratató F.C.

NOME: _____ MESA _____ SÉRIE: _____

Páginas 3 e 4 do Caderno de Estudos de Educação Física (2010)

Seu modo de impressão é através de fotocópias a partir de uma matriz ou original. As fotocópias são produzidas pela instituição que possui equipamento próprio. A fotocópia é feita em frente e verso da folha de papel sulfite para formar as quatro páginas já mencionadas.

As capas desses *Cadernos de Estudos de Educação Física* ou apresentam desenhos para serem coloridos ou apresentam fotos ilustrativas do tema estudado. Algumas capas ficaram bastante interessantes. O caderno de Estudos da 5ª série do Ensino Fundamental de março de 2009 apresenta uma foto dos alunos William Guedes de Oliveira, Ana Paula Vieira de Almeida e Nataly Leandra Silva de Lima fazendo alongamento muscular, tema desenvolvido na primeira quinzena. Estes mesmos alunos aparecem no interior do Caderno

número 3 de março de 2009, cujo tema foi “Movimento se aprende”. A capa do caderno número 11, de setembro de 2009, é ilustrada com uma foto do professor de educação física, Renato Donisete Pinto, participando de uma corrida de rua na comunidade de Heliópolis. Este caderno trata das corridas de rua, desde a sua história até como se preparar e evitar lesões.



Capas dos Cadernos de Estudos nº 2 e nº 10 (2009)

Ele tinha a intenção de divulgar a já tradicional corrida popular de Heliópolis, cujo trajeto circunda a comunidade em 6 km, que devem ser percorridos pelos participantes. Discutindo o futebol de várzea,

no caderno número 15, de novembro de 2009, é apresentada a história da equipe mais popular da comunidade, o Ratatá Futebol Clube.

No ano seguinte, em abril de 2010, o caderno número 5 da 7ª série do Ensino Fundamental trata da modalidade esportiva coletiva Voleibol; a ilustração da capa ficou por conta da ex-aluna Alessandra dos Santos Marques, que desenvolveu um belo desenho de crianças jogando a modalidade. O último caderno do ano, o de número 20, de dezembro de 2010, apresentou as ações da disciplina Educação Física na Mostra Cultural realizada na unidade escolar, como também documentou a visita dos alunos na 29ª Bienal de São Paulo, realizada nos dias 29 e 30 de novembro.

No 2º *Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas* estes *Cadernos de Estudos* foram resenhados por um dos redatores, Márcio Sno, também pesquisador de fanzines e produtor da série de documentários *Fanzineiros do Século Passado*; ele escreveu o seguinte:

Existe uma diferença muito grande entre professor e educador. Geralmente professor de educação física de escola pública dá uma bola pros moleques jogar futebol e pronto. Mas tem aqueles que são educadores, como Renato Donisete, aquele mesmo do Aviso Final. Ele dá aulas em uma escola pública e, com a sua experiência de mais de duas décadas como zineiro, fez um fanzine mensal para seus alunos, sempre com temas pertinentes às atividades e projetos desempenhados em quadra. Por ter circulado no ano passado, boa parte dos temas são relacionados à Copa do Mundo de Futebol, mas também é possível encontrar tópicos como cuidados com o corpo, regras de esportes e histórias das modalidades, inclusive alguns destes assuntos são interdisciplinares, pois de acordo com o tema, pede para seus alunos pesquisarem junto aos professores de História, Matemática e Geografia. Destaque para a edição sobre futebol de várzea que é fantástica! Queria muito que meu professor de Educação Física fosse assim... (2º Anuário de Fanzines, Zines e Publicações Alternativas, página 12).

3.4. Primeira experiência: fanzine no Projeto Monitoria (2006)

Anteriormente a existência deste Caderno de Estudos, no começo de 2006 teve início o projeto Monitoria na EMEF Presidente Campos Salles. Ele foi idealizado da seguinte forma:

num dia da semana o aluno vinha para a monitoria e os alunos do período eram divididos em grupos de 15 componentes, sendo que cada grupo tinha alunos de séries variadas e um aluno como facilitador escolhido por seus pares. O objetivo principal das atividades em grupo era o exercício dos princípios da autonomia, responsabilidade e da solidariedade. O monitor deveria ser um incentivador das atividades escolares dos alunos dentro e fora da escola, devendo acompanhar os alunos nas suas dificuldades que poderiam ir além da escola, ajudar o seu grupo a se tornar um grupo de auto-ajuda que extrapolasse os muros da escola, dar e garantir a fala ao aluno quando em plenário” (GALLO, 2009, p. 225).

Nessa primeira experiência, toda quarta-feira nas duas últimas aulas do dia, ou seja, das 10:30 às 12:00 horas os alunos realizavam tarefas com o professor monitor. No caso do professor de Educação Física Renato Donisete Pinto, seu grupo contou excepcionalmente com vinte alunos, com representantes de todas as séries que tinham aulas no período da manhã. Seu grupo possuía um aluno da 4ª série, cinco alunos da 5ª série, sete da 6ª série, três da 7ª série e quatro da 8ª série.

O objetivo dessa atividade era possibilitar maior interação entre os alunos das diversas séries, compartilhar suas experiências e principalmente aumentar o vínculo entre o professor e alunos. A atividade buscou o acompanhamento escolar mais próximo do aluno. As

CS monitoria

Heliópolis – SP
Aperiódico do grupo 21 de monitoria da E.M.E.F. Presidente Campos Salles

DEZEMBRO / 2006



Nesta edição:

- entrevista com a Alessandra da 5ª A
- o projeto ambiental Ciclo do Bem
- as opiniões dos alunos

Capa do fanzine CS Monitoria (2006)

questões familiares e pessoais que afetavam os alunos também deveriam ser tratadas de forma responsável e solidária.

Dessa experiência o professor confeccionou no final do ano, com os alunos, um fanzine para documentar as opiniões dos envolvidos. Ele foi o produto final destes encontros. Os alunos criaram o título CS MONITORIA e tudo o que deveria constar no fanzine. Este trabalho contou com uma entrevista com a aluna Alessandra dos Santos Marques, então estudante da 5ª série A; uma matéria redigida e pesquisada em conjunto pelas alunas Tatiane Silva da Rocha da 7ª série A e Gabriela Ferreira da Conceição da 6ª série C sobre o projeto sócio ambiental implantado na escola chamado Ciclo do Bem; uma história em quadrinhos sobre o fim das florestas, desenvolvida pelo aluno Ederlope Pires da Rocha da 5ª série A; fotos tiradas pelos alunos de alguns funcionários da escola e por fim a opinião dos alunos sobre a monitoria.

Este registro apresentou opiniões interessantes e valiosas, tais como:

“O que eu acho que é bom na monitoria é que os integrantes expressem suas ideias, dizendo o que sabem e gostam e o que não gostam, porque todos tem o direito de dizer o que lhe incomoda...” (Diego Rafael de Lima, 8ª série B);

“...aqui no nosso grupo não é só o professor que decide o que vamos fazer, os alunos também dão sugestões...” (Danielle Santos de Oliveira, 6ª série B);

“Eu gosto do professor porque ele é como um pai, e ele é legal e amigo. O que eu mais gostei é que ele deixa as crianças brincarem” (Natanael de Souza, 5ª série C);

“... no primeiro dia de monitoria eu achei que ia ser péssimo, mas me surpreendi. Não foi tão ruim. Eu acabei caindo com um professor legal e uma sala boa. Pelo que eu me lembro a primeira matéria que eu mais gostei foi um projeto de fazer cd´s para cada aluno. Isso com as músicas que gostamos. Foi muito legal. A minha segunda matéria foi de cada pessoa pegar um saco de lixo grande e sair junto com o professor. Ir às praças e pegar papel, metal, vidro, alumínio, etc. Foi legal também. Você acredita que o professor pegou uma garrafa de macumba. Que louco” (Ariane Cruz da Silva, 6ª série B);

“O melhor dia foi o cd da monitoria. Tinha nove músicas de vários estilos. O professor Renato é muito legal demais, pois ele nos ensinou muita coisa. Ele não só dá aula, também nos leva para brincar” (Ederlope Pires da Rocha, 5ª série A).

Além de ser compartilhado entre os alunos, esse fanzine foi socializado entre os professores na última reunião do ano sobre o projeto Monitoria. As reuniões eram mensais e serviam para os professores trocarem experiências e discutir o andamento do projeto.

3.5. O professor e sua experiência como fanzineiro

Renato Donisete Pinto, além de professor de Educação Física também é editor do fanzine dedicado à música independente, principalmente ao estilo musical punk. Ele é produzido em São Caetano do Sul na região do ABC paulista com o nome de *Aviso Final*, existe desde setembro de 1990 quando foi publicada sua primeira edição. Com tiragens que variam de 150 a 500 exemplares ele é distribuído em shows, por correio para seus correspondentes e em lojas especializadas (DEFAVARI, 2008).

A aproximação do autor com as publicações independentes aconteceu no ano de 1987 consumindo fanzines de outros autores que continham informações sobre o estilo musical punk. Com o incentivo do seu amigo Laércio Gonçalves, na época (1990) guitarrista da banda *Insulto Oculto*, resolveu criar seu próprio fanzine para divulgar o trabalho das bandas independentes da região onde mora até os dias atuais.

Em 1995 o trabalho já era bastante conhecido no meio, sendo publicado seu endereço para adquirir a publicação no *Almanaque dos Fanzines*, editado no Rio de Janeiro (ALBERNAZ e PELTIER, 1995).

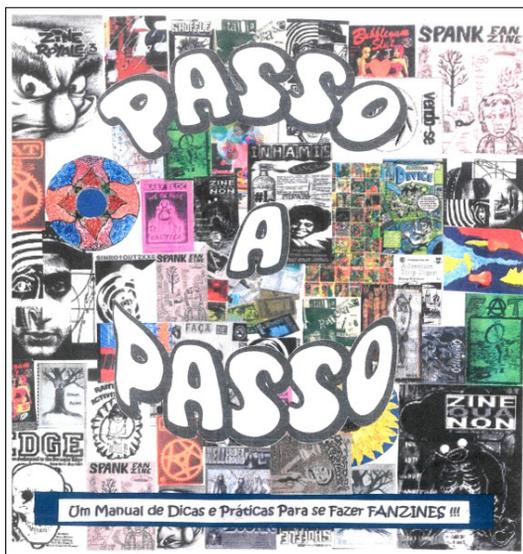
Durante esses mais de vinte anos divulgou seu trabalho por todo o Brasil, sendo que no ano de 1993 teve o *Aviso Final* distribuído em Portugal através do intercâmbio com o fanzineiro Marcelo Andrade, editor do fanzine lusitano *Overdoze*. O editor tem depoimentos nos três capítulos do documentário *Fanzineiros do Século Passado*, produzido pelo jornalista Márcio Sno e no documentário *Punk S.A.*, produzido pelos alunos de Cinema da Prefeitura de Santo André.

Em 2012 teve a edição 28 do *Aviso Final* resenhada no catálogo espanhol *Pez* (número 14), publicação que divulga produções independentes do mundo inteiro no período de 2010 até 2011.

3.6. Os anos de 2008 e 2009: parceria para criar um manual sobre fanzine

Entre os meses de agosto e dezembro de 2008 foi desenvolvido o projeto Produtores de Notícias, uma parceria da Universidade de São Paulo (USP), a EMEF Presidente Campos Salles e o Programa Agente Jovem de Heliópolis. Produtores de Notícias foi um projeto de ação educativa não formal, colaborativo e aberto, e através de oficinas apresentou as ferramentas e ações necessárias para se fazer um fanzine.

Os educadores e educandos criaram um manual utilizando um fanzine como produto final dessas oficinas. Este manual/fanzine foi produzido coletivamente entre fevereiro e março de 2009. Chamado de “Passo a Passo: um manual de dicas e práticas para se fazer fanzines!!!”, surgiu da necessidade de se ensinar a fazer fanzines, e através desses fanzines fazer circular informações importantes pela comunidade. Esta necessidade surgiu quando aconteceu uma oficina anterior, que tratou sobre os caminhos do lixo na comunidade de Heliópolis, e o grupo teve dificuldade de elaborar o fanzine sobre o tema. Neste projeto, da EMEF Presidente Campos Salles participaram a Coordenadora Pedagógica Ana Maria Nogueira, a Professora de Artes Lílian Guerra e os alunos Amanda Santos, Jhonny da Silva e Thainara Cerqueira.

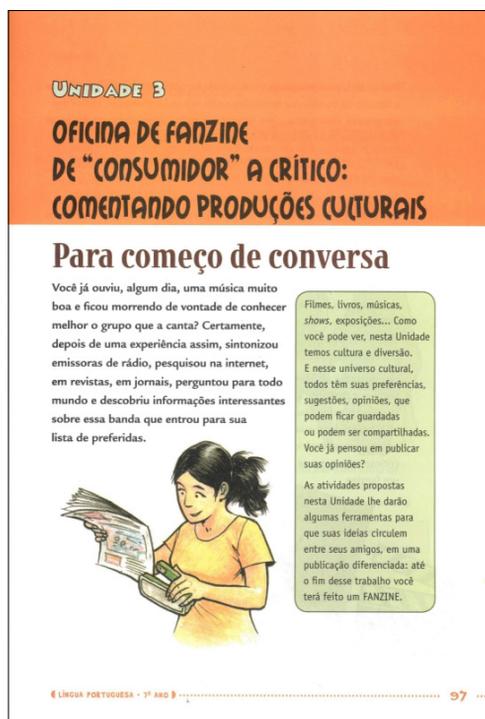
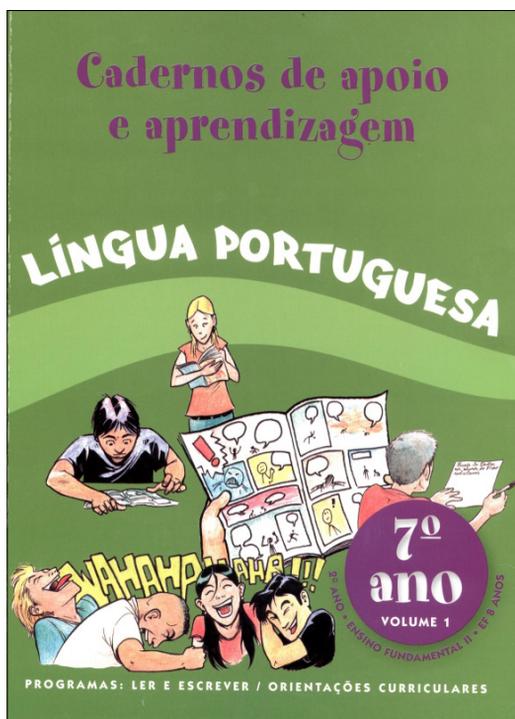


Capa do Fanzine *Passo a passo* (2009)

3.7. Língua Portuguesa: fanzine é conteúdo

Outra experiência valorosa é o trabalho desenvolvido pela professora titular de Língua Portuguesa, Monalisa Cassis, na mesma EMEF Presidente Campos Salles. Durante todo o mês de novembro e dezembro de 2011 ela abordou o tema fanzine com sua turma de 7º ano. Foi utilizado o Caderno de Apoio e Aprendizagem de Língua Portuguesa. Na sua Unidade 3, que vai da página 97 até 144, cujo título é *Oficina de Fanzine de “consumidor” a crítico: comentando produções culturais* são abordados aspectos desde o conceito de fanzine, concepção da arte gráfica, uma entrevista com a *zineira* Selene Alge, escolha do tema e a sua relação com a indústria cultural e por fim sugere a confecção de um fanzine com um enfoque maior na elaboração das resenhas do mesmo.

Este Caderno de Apoio e Aprendizagem de Língua Portuguesa é editado pela Fundação Padre Anchieta e produzido com a supervisão e orientação pedagógica da Divisão de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Segundo o Secretário Municipal da Educação da época, Alexandre Alves Schneider, em texto de abertura direcionado ao aluno, neste caderno “você terá oportunidade de apreciar textos literários, jornalísticos, poemas, entre outros, aprimorando cada vez mais o gosto pela leitura de obras dos mais diferentes gêneros textuais”.



Capa do Caderno de Aprendizagem e Unidade 3 - Oficina de Fanzine

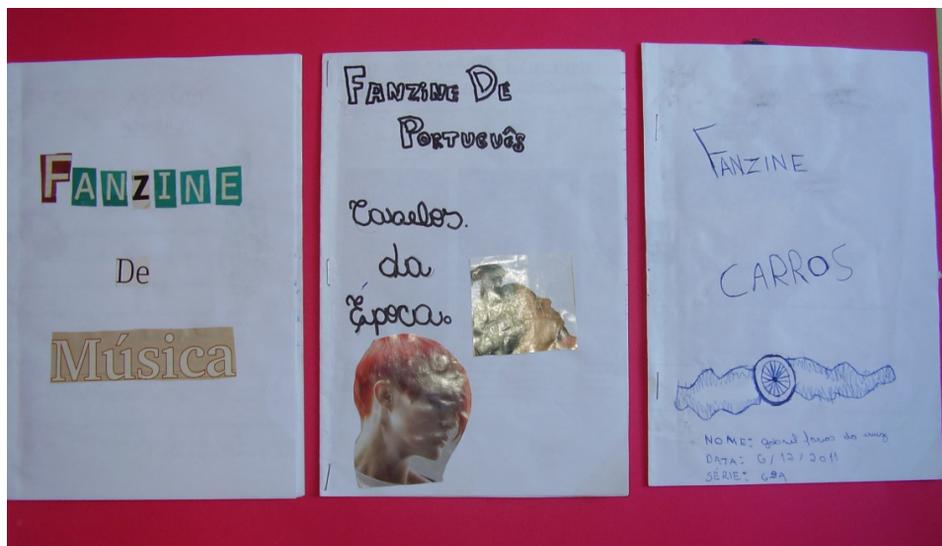
A professora, em seu 10º roteiro de estudos, seguindo as Orientações Curriculares de Língua Portuguesa buscou as seguintes expectativas de aprendizagem:

- Identificar possíveis elementos constitutivos da organização interna da resenha: informações gerais sobre a obra, resumo do conteúdo, julgamento ou apreciação do resenhador;
- Revisar e editar o texto focalizando os aspectos estudados na análise e reflexão sobre a língua e linguagem;
- Comentar e justificar opiniões.

Além de resolver as questões do próprio Caderno de Apoio os alunos produziram seus fanzines. Inicialmente eles tiveram acesso a diversos fanzines levados pela professora. A escolha do tema foi livre, decidido pela preferência pessoal. Os alunos deveriam criar um nome para o fanzine relacionando com o tema/conteúdo escolhido. Para a confecção foram utilizados recortes e o material utilizado para pesquisa foram jornais, livros e revistas. A última parte diz respeito à diagramação do fanzine, ou seja, a construção das páginas expressando artisticamente suas opiniões por meio de colagens, desenhos e textos diversos.

A criatividade e empenho dos alunos apareceram nestas produções. O aluno Gabriel Farias da Cruz produziu um fanzine sobre carros, já que seu pai e irmãos trabalham em uma oficina mecânica de propriedade da família. Ele utilizou fotos de diversos veículos e apontou as características de cada um, desde o preço até a velocidade que eles atingem. O grupo de alunos Mislaine Carvalho da Silva, Mayara da Silva Pinheiro e Jhonatan Rusig produziram um fanzine sobre música. Com uma concepção gráfica limpa e caprichada eles abordaram a história da música, formas de ouvir música e pes-

quisaram sobre a música clássica, o samba e o rock. O tema mais inusitado foi pesquisado pelo grupo formado pela Letícia de Sousa Pedreira, André Rondley Silva Celestino, João Victor dos Santos e Lavínia Oliveira da Silva. Eles produziram um fanzine sobre cabelos de época, fartamente ilustrado.



Fanzines produzidos pelos alunos da EMEF Presidente Campos Salles (2011)

Este trabalho fez parte da avaliação do quarto bimestre do ano de 2011. Para ilustrar a avaliação, a professora utilizou uma matéria publicada no periódico *Diário do Grande ABC* de 17 de janeiro de 2010. Nesta matéria, a jornalista Adriana Feder descreve o trabalho que o professor Renato Donisete Pinto desenvolve com os fanzines. Desta forma, aproximo mais ainda os alunos do tema, já que o autor já havia sido professor deles.

3. Observe a capa, as letras e o título. Podem se planejar que o texto é:



- (A) Revista científica
- (B) CBI
- (C) Fanzine
- (D) Livro didático

4. Qual é o nome da revista?

- (A) Edição Especial 20 anos
- (B) Anjo Final
- (C) 2090-2010
- (D) Não tem nome

5. O _____ é um conceito muito essencial de divulgação de quem é G. A palavra _____ é admissão de parte de outros dois valores de língua inglesa: *fanatic* (delirioso, fã) e *magazine* (revista), que resulta em revista de G.

Complete os espaços com a palavra correta:

- (A) Revenda
- (B) Personagem
- (C) Fanzine
- (D) Fanzineiro

Para saber mais sobre o universo dos fãs, leia a entrevista, realizada por Renato Domitka, um jornalista amigo, “G de universo punk”.



4) Segundo a entrevista acima, podemos dizer que o tema central de Fanzine do Prof Renato Domitka, é:

- (A) Rock
- (B) Filme
- (C) Literatura
- (D) Punk

5) Qual é a proposta do Anjo Final?

- (A) Divulgar bandas alternativas do Grande ABC e arredores nas garagens
- (B) Divulgar indústria cultural
- (C) Divulgar filmes e animações
- (D) Divulgar contos e parábolas

6) Onde a revista foi publicada essa entrevista?

- (A) Folha de São Paulo, 17 de janeiro de 2010
- (B) Diário do Grande ABC, 27 de janeiro de 2010
- (C) Superinteressante
- (D) Adrenalina Feder

1ª e 2ª páginas da Avaliação Oficial (2011)

Considerações finais

Os fanzines desde o início dos anos 1930 sempre foram excelentes meios de comunicação independente dos meios formais. Incorporado como recurso pedagógico em sala de aula apresentou uma série de benefícios. O primeiro deles se refere à autoralidade, ou seja, quem produz um fanzine é autor de sua obra. Pode-se afirmar que sua produção aumenta a autoestima do aluno. De consumidor ele torna-se produtor de cultura. Desta forma a leitura, a escrita e principalmente a criatividade são estimuladas durante todo o processo de confecção dessa publicação independente. De maneira geral, pode ser trabalhado em diversos níveis de ensino, desde a educação básica até o ensino superior, como também transitar em qualquer componente curricular, inclusive nas aulas de Educação Física.

A experiência que tive durante estes anos mostrou que a confecção de um fanzine por parte dos alunos estabelece um vínculo maior com o que está sendo estudado. A estética de um fanzine é altamente atraente. A manipulação de recortes de revistas e jornais, a utilização da colagem na produção e a criação de um elemento de comunicação de baixo custo favorecem possibilidades ricas no processo de ensino aprendizagem.

Espero com este trabalho que novas experiências com fanzines sejam realizadas, debatidas e aprofundadas no contexto escolar.

Referências bibliográficas

2º ANUÁRIO DE FANZINES, ZINES E PUBLICAÇÕES ALTERNATIVAS. São Paulo: Ugra Press, 2012.

ALBERNAZ, Bia; PELTIER, Maurício. *Almanaque de Fanzines*. O que são. Por que são. Como são. Rio de Janeiro: Arte de Ler, 1995.

ANDRAUS, Gazy. *A independente escrita-imagética caótico-organizacional dos fanzines*: para uma leitura/feitura autoral criativa e pluriforme. Trabalho apresentado ao Eixo 14 – Escritas, imagens e criação. Diferir no 17º COLE. Campinas, julho de 2009.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRENT, Bill; BIEL, Joe. *Make a Zine!* Portland: Microcosm Publishing, 2008.

CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM: Língua Portuguesa/ Programas Ler e Escrever e Orientações Curriculares. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2010.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. *Fanzine*: da publicação independente à sala de aula. Pôster apresentado no III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Centro de Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

CLIFFORD, Ryan; VENNE, Tony. *Zines*. In: LUPTON, E. *A produção de um livro independente*: um guia para autores, artistas e designers. São Paulo: Edições Rosari, 2011.

DEFAVARI, Olga. *Imprensa alternativa no ABC*: a história contada pelos independentes. Santo André: Ed. do autor, 2008.

FRANCO, Fábio Poletto. *Construindo fanzines: reconhecendo os lugares dos alunos por meio da produção de textos e de imagens. Estudo de caso E.E.E.F. WALT DISNEY – VIAMÃO/ RS. Viamão, 2010.*

GALLO, Márcia. *A parceria presente: a relação família – escola numa escola da periferia de São Paulo. São Paulo: LCTE Editora, 2009.*

GUIMARÃES, Edgar. *Fanzine. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.*

LOURENÇO, Denise. *Fanzine: procedimentos construtivos em mídia táctica impressa. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUC, 2006.*

MAGALHÃES, Henrique. *O que é fanzine. São Paulo: Brasiliense, 1993.*

NASCIMENTO, Ioneide Santos do. *Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. In: MUNIZ, C. (Org). Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: edições UFC, 2010. p.121-133.*

NETO, Elydio dos Santos; ANDRAUS, Gazy. *Dos zines aos biograficzines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria. In: MUNIZ, C. (Org). Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: edições UFC, 2010. p.29-47.*

OLIVEIRA, José Guilmar M (org.). *O ensino da educação física na educação básica: relações com a Antropologia. São Paulo: CEPEUSP, 1992.*

PENTEADO, Hildebrando Cesário. *Fanzine: expressão cultural de jovens em uma escola da periferia de São Paulo. São Paulo, 2005. Dissertação de Mestrado (Educação), PUC/ SP.*

TODD, Mark; WATSON, Esther Pearl. *Watcha mean, what´s a zine?: the art of making zines and mini-comics. Boston: Graphia, 2006.*



Renato Donisete Pinto

é natural de São Caetano do Sul, São Paulo. Nascido em 1972, possui licenciatura

plena em Educação Física e Pedagogia (Universidade do Grande ABC, UniABC). É especialista em Educação Física Escolar (Faculdades Metropolitanas Unidas, FMU) e Educação para a Diversidade e Cidadania (Faculdade Campos Eliseos). Participou do XX Simpósio Internacional de Ciências do Esporte (CELAFISCS, 1996) e no IV Congresso Internacional UNICASTELO (Universidade Camilo Castelo Branco, 1997) como autor do tema livre “A importância da Educação Física para pré-escolares”. Em 2012 apresentou o relato “Fanzine como recurso pedagógico nas aulas de Educação Física” no IV Seminário de Metodologia do Ensino da Educação Física (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP). Autor dos textos “Caminhando para um Bairro Educador” e “Uma cidadania em construção” no livro *Heliópolis Bairro Educador* (Fundação Padre Anchieta, 2008) e “Fanzine como recurso pedagógico: aplicação nas aulas de Educação Física numa Escola Municipal” (revista *Imaginário!* N. 8, junho de 2015). Colaborador da revista *Raízes* (Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul) com artigos sobre a história do futebol de São Caetano do Sul. Coautor do livro *Almanaque do Saad Esporte Clube* (Edição dos autores, 2019). Atualmente é professor de Educação Física na rede estadual (E.E. Melvin Jones) e municipal (E.M.E. F. Presidente Campos Salles) de São Paulo. Edita o fanzine *Aviso Final* desde 1990 e continua na ativa publicando regularmente. Foi colunista de música no final dos anos 1990 na revista *MetalHead* e no periódico *ABC Jornal do Povo*.

Mais sobre fanzine pela Marca de Fantasia



<https://www.marcadefantasia.com>

Os fanzines são uma experiência de paixão, criação, autoralidade, rebeldia, autonomia e transgressão. Muitas práticas escolares, apesar de um discurso democrático, dialógico e participativo, são, na verdade, ainda práticas autoritárias, domesticadoras.

O grande desafio para os educadores é como trabalhar com os fanzines em sala de aula, considerando o contexto escolar, e não cair em tais práticas. Renato Donisete dá aqui algumas pistas, mas muitas outras poderão surgir a partir das provocações desta leitura.

